

Fonte O Globo Class.: PC 111-1  
 Data 13 de Junho de 1982 Pg.:           

# ANTÔNIO CALLADO

## 'A expedição Montaigne', nova visão do mundo indígena

JOANA ANGÉLICA

**U**m jovem camaiurá tuberculoso, várias vezes espancado pelos brancos, mas nem por isso menos deslumbrado com o mundo urbano que, para ele, são os quintais de muitas galinhas e as prateleiras de muita cerveja. Ipavu, ou Paiaip — seu nome de origem — odeia o universo indígena concentrado em Ieropé, o pajé que ninguém mais respeita, figura tão lúida quanto patética em sua tentativa de "desatar o existido", de resgatar um tempo em que não tivesse havido "Fodestaine" — o naturalista alemão Karl von den Steinen —, um tempo em que os charutos e ervas de sua medicina fizessem tanto efeito quanto as penicilinas e araléns do branco.

Mas o indiozinho Ipavu, no fundo, busca as raízes à sua maneira. E é para reaver seu querido gavião-real Uirucu — as garras, a força, a liberdade — que concorda em deixar o recém-extinto reformatório de Crenaque para acompanhar, em penosa caminhada Brasil adentro, o jornalista Vicentino Beirão — misto de romântico, demagogo e mau-caráter, de delirante discurso, e que pretende simplesmente, à sombra de uma cultura francesa e de um conceito de bon sauvage mal assimilados, sublevar todos os índios: "... não de cercar, com sebes e flechas, as cidades".

Em torno desses personagens Antônio Callado montou, ora com picaresca ironia, ora com dolorosa amargura, a história da decadência do mundo indígena depois que o homem branco trouxe a "civilização". Sem saber, Ipavu será instrumento da vingança de Ieropé, finalmente vitorioso num ritual em que a fogueira, cercada de camaiurás agora respeitosa, consome o símbolo do branco invasor. Mas dessa vitória ninguém soube nem saberá:

— O próprio título do livro — comenta Callado —

é uma declaração de tristeza de quem observa e sabe que o índio, as culturas indígenas não têm mais salvação. Seria preciso que a visão do problema tivesse sido outra. Do ponto de vista do que se tem feito ao índio, devíamos estar todos naquela fogueira... O único lugar onde o índio está sendo efetivamente protegido é o Parque do Xingu. Assim mesmo, foi transferido da parte norte para a parte sul, como se você pudesse tirar a gente daqui e levar para a Sibéria. Estou exagerando um pouco, mas é isso, você sai do seu meio natural.

Na década de 50, como jornalista, Antônio Callado visitou o Xingu algumas vezes. De uma dessas via-

### A temática é o Brasil contemporâneo

gens resultou sua famosa reportagem "Esqueleto na Lagoa Verde", sobre a busca dos restos mortais do coronel Fawcett. Voltou à região mais ou menos em 1980, e de lá para cá só tem confirmado, com pesquisas, a "impressão imorredoura" do início, a saber:

— Índio não tem nada de burro, tem é uma civilização, uma maneira de ver o mundo diferente da nossa, mas não inferior ou mais atrasada. E perde a confiança nela quando tudo isso entra em contraste com a do branco. Lendo Lévi-Strauss, pude ver cientificamente apurada, por uma pessoa de equipamento cultural e especialização infinitamente maior do que o meu, essa estranha fé, essa impressão que tive desde a primeira vez que fui ao Xingu.

O escritor põe em dúvida, inclusive, a idéia segundo a qual as culturas indígenas, se tivessem podido evoluir naturalmente, chegariam a constituir sociedades como a nossa:

— Quem pode garantir uma coisa dessas? Nós er-

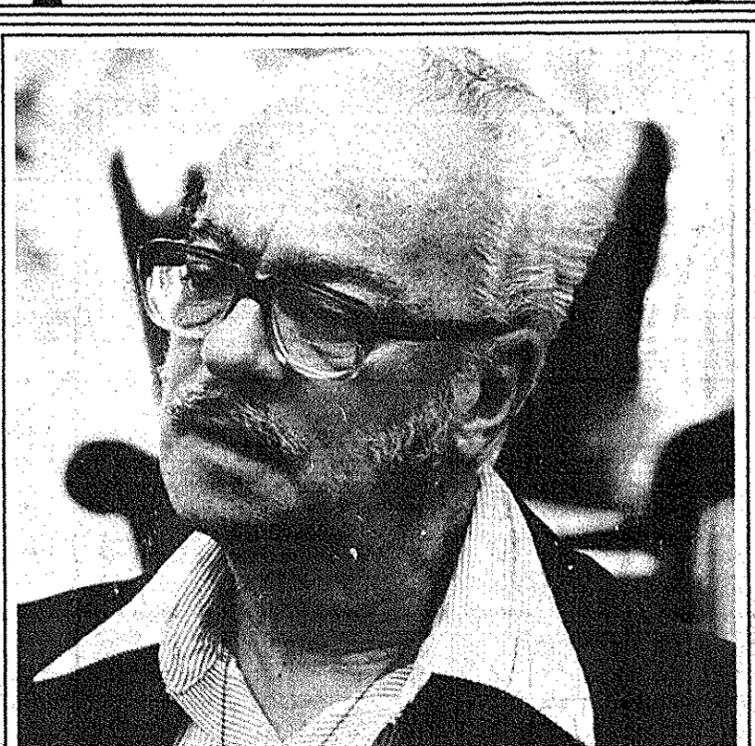
ramos em muitas coisas, mas os índios também haveriam de errar? Ai é que dá pena você não poder conferir, não poder desandar, como queria o Ieropé, para deixar aquilo crescer como devia ser. E um pensamento muito assustador este: ter estragado algo que nem se sabe direito o que seria. A única coisa positiva que ainda nos resta fazer é deixar que os índios se acabem com dignidade e com o tempo. Isso é inevitável, e o Rondon tinha essa idéia. Ele não achava que fosse possível isolar dentro do Brasil um país indígena, ele mesmo estava montando o telegrafo Brasil a fora. E foi isso que os irmãos Villas-Boas conseguiram botar em vigor no único parque indígena que saiu até agora.

Callado discorda da formulação segundo a qual uma reserva indígena seria uma espécie de "jardim zoológico". Diz que é o lugar onde os índios podem ir-se aculturando aos poucos, tentando aceitar a "civilização" — que ele sempre põe entre aspas:

— Digo tentar porque índio mesmo não vira "civilizado", nem o Mário Juruna. É um estrangeiro, fala português mal, está repetindo as coisas que ouviu. Aliás, o fato de ele ter adotado como símbolo de sua campanha o gravador é uma coisa simbólica e muito bonita: afinal, a cultura indígena é toda oral.

Uma oralidade, aliás, que está em parte no próprio estilo de "A expedição Montaigne", na medida que, fugindo à onisciência, Callado é um narrador que conta a história sob o ponto de vista dos personagens, o fluxo dos pensamentos de cada um brotando a cada capítulo. Se em "Reflexos do baile", como ele mesmo aponta, inaugura uma forma narrativa mais fragmentada, que refletia a própria fragmentação do pensamento brasileiro à época, em "A expedição Montaigne" Callado aprofunda sua visão desse mundo dividido na própria linguagem que adota e, de certa forma, também na

*Uma visão aprofundada e reelaborada do mundo indígena, que conheceu percorrendo algumas vezes, há muitos anos, a região do Xingu, é o que transmite o escritor Antônio Callado em seu romance mais recente: "A expedição Montaigne", que sai pela Nova Fronteira: O autor não pretende fazer noite de autógrafos para o livro que — como "Quarup", "Bar don Juan", "Reflexos do baile" ou "Sempreviva" — escreveu à mão, depois de tomar muitas notas. "É artesanato mesmo", admite ele no apartamento do Alto Leblon, na curva de uma rua tranqüila. Ali ou na casa de Maricá, carregando de um lado para outro, conforme pretenda escrever na sala, no terraço ou no escritório, a mesa de tempo regulável que usa desde "Reflexos do baile", Callado dispõe do sossego necessário aos momentos de criação. Volta e meia, durante a conversa, o escritor comenta: "A Ana é que sabe disso", "a Ana me ajudou muito nessa época", "discuto muito isso com a Ana". Mas nem a Ana, a jornalista Ana Arruda, sua mulher ousa interromper esses momentos em que Callado, trabalhando sua ficção, busca registrar e interpretar uma intrigante e complexa realidade brasileira que lhe toma a cabeça e especialmente o coração.*



Para Antônio Callado, "as culturas indígenas não têm mais salvação"

estruturação do livro: a partir de certa altura, os capítulos sobre Ieropé e sobre Ipavu e Beirão se alternam e contrapõem — somente o final os reúne.

— Minha temática — diz ele — é realmente o Brasil contemporâneo, este que estamos vendo. E eu acho que o chamado Brasil "civilizado", no sentido quase maisão da palavra, até se sofisticou muitíssimo. Mas há uma diferença em relação à Europa Ocidental ou aos Estados Unidos: é que este país civilizado, esta Bélgica a que pertencemos — nós que sabemos ler e escrever, que moramos em casas com água encanada —, está posta em cima de outro país muito maior que é a Índia, uma Malásia, um Haiti. O Brasil mesmo são essas duas coisas, e a certa altura senti necessidade de passar isso na minha própria forma de escrever.

Sobre sua temática — sob qualquer forma ou gênero, o Brasil —, Callado diz, sem falsa humildade, que não saberia desenvolver, pelo menos na ficção. Sempre lhe perguntam, conta, se acha que um escritor deve ou não ser engajado. E a resposta é que a literatura deve ser o que o autor quer que ela seja. Onde Callado não admite alheamento é no papel de cidadão do escritor: este, afirma, não tem o direito de ignorar, como membro de uma comunidade, o que se passa ao seu redor:

— Não posso admitir é que um homem que lida com idéias, que cria mundos imaginários, venha declarar que não sabe se a democracia vale ou não vale, se as prisões estão ou não cheias de inocentes. Agora, se ele quer escrever um romance completamente herético, um livro sobre o drama pessoal e intransferível de um fulano, em qualquer meio, e sem contar com sua experiência, tem todo o direito. Eu é que não conseguiria fazer isso.

"A expedição Montaigne", antigo conto cujo tema há muito Callado desejava expandir, nasceu co-

mo têm nascido seus outros romances:

— Primeiro, há uma idéia-força concentrada, por exemplo, na decadência do pajé. Segue-se outra: a despeito de todas as convicções intelectuais daquele indiozinho, o que valia dentro dele era a civilização indígena. De duas ou três idéias assim vão saindo as figuras, até você ter um núcleo forte. A partir daí, é tomar nota, muita nota, porque a coisa vai repercutindo de um lado e de outro e você começa a ter uma idéia de conjunto.

Callado, que em ficção só escreve à máquina quando o livro já está bem adiantado, diz que o momento de chegar ao detalhe é o mais importante, muito mais do que o arca-

### Cada vez menos boêmio no trabalho

bouço já montado. E nesse momento que, já tendo feito as pesquisas que o trabalho implica — num vocabulário camaiurá, por exemplo, descobriu que Ieropé significa pálebra, dado importante na caracterização do pajé —, a mesinha regulável o acompanha casa a fora.

— Em geral — continua ele — escrevo de manhã. Estou cada vez menos boêmio em matéria de trabalho... Sei que há pessoas que rendem muito mais de madrugada, mas cada um tem lá sua maneira de fazer. Outra coisa indispensável é o isolamento. Há quem consiga escrever com outros gritando ou conversando perto, mas não sei como é que pode, não. Mesmo que você não tenha um temperamento misantrópico, precisará de muito mais solidão. Eu já disse uma vez que a primeira coisa para ser escritor é ter um quarto para se trançar.

Concluído "A expedição Montaigne", resta ver concretizado o segundo dos dois planos que ele come-

çou a desenvolver naquela época.

Trata-se da montagem teatral, por sua filha Tessa Callado, de um espetáculo que reunirá duas peças do pai: "Uma rede para Iemanjá", publicada em livro mas nunca levada ao palco, e "A revolta da cachaca" — esta, recém-saida da famosa mesinha.

— Eu sempre me preocupei com essa questão de quase não existirem textos de teatro negro no Brasil — diz ele. — Quando estive nos Estados Unidos, deu para reparar como eles são ricos em textos assim, e como isso permitiu o surgimento de uma quantidade e uma qualidade muito grande de artistas.

Autor de "Pedro Mico", que fez sucesso no Rio e em São Paulo, "O tesouro de Chica da Silva", dirigida na Bahia por Gianni Pato e depois transformada em "Caso especial" na Rede Globo, e de "Uma rede para Iemanjá" — as três, peças em um ato —, Callado resolveu ampliar a trilogia com "A revolta da cachaca". O conjunto será publicado pela Nova Fronteira à época da estréia do espetáculo de Tessa.

— Somente eu, o Vivaldo Coaracy e o Vieira Fazenda — brinca o autor — sabemos que a primeira revolta ocorrida no Brasil foi aqui no Rio, em 1681. Portugal havia proibido que os cariocas fabricassem cachaca, a qual, como moeda de troca, era tão importante para eles quanto o açúcar. Jerônimo Barbalho e seus revoltosos assumiram o poder e, durante seis meses, o Rio foi governado pela Câmara de Vereadores, na mais perfeita ordem. Portugal decapitou o Barbalho, mas acabou também revogando a proibição de fabricar aguardente aqui.

Na peça de Callado, que ao lado do líder da revolta coloca um personagem negro, esse episódio é evocado. Mas o enredo, sobre um ator negro que só consegue papéis de assaltante, chofer ou bicheiro, decorre na época atual.